

José Saramago: “Escrevo para compreender”

Carlos Nogueira

Cátedra José Saramago – UTAD

Cátedra José Saramago – U. Vigo

Comemora-se, em 2022, o Centenário do escritor português José Saramago (1922 – 2010), Prémio Nobel da Literatura 1998. Este dossier é um contributo mais para uma homenagem que celebra um homem com um percurso pessoal, literário e cívico singular e uma obra universal que a cada novo dia seduz novos leitores. Não é por apenas nos consolar e entreter que a palavra de Saramago tem tanto êxito. O deslumbramento que obtemos na leitura dos seus livros é da ordem do prazer inexprimível e da insatisfação perante a vida individual e coletiva e perante o ser humano enquanto ser tão falível no que é essencial (igualdade entre todas as pessoas e todos os grupos sociais e povos, paz, bem-estar). “Vivo em desassossego, escrevo para desassossegar” é uma afirmação saramaguiana célebre que cito de cor (de coração), e o mesmo acontece com “Escrevo para compreender”, que dá título à apresentação deste número da *Cincinnati Romance Review*.¹

José Saramago incita-nos a sermos protagonistas do presente, da nossa vida individual e coletiva, do nosso futuro, a revermos o nosso passado, as nossas convicções mais cristalizadas, os nossos automatismos. Dou-me conta de que escrevo estas linhas inspirado talvez em palavras de Pilar del Río, no texto “O centenário de um contemporâneo”; um contemporâneo de nome José Saramago em cuja escrita aprendemos que “os protagonistas somos nós, as pessoas que se alegram por terem compartilhado o seu tempo e por terem lido as suas obras, que se sentem representados por Blimunda e pelo Sr. José que procura a mulher desconhecida” (Río 5).

Retomo o título deste meu texto introdutório: “Escrevo para compreender”. Esta proposição sintetiza com grande expressividade a vontade dos/as nove ensaístas que escreveram os artigos que compõem este tributo ao autor de *Ensaio sobre a cegueira*, esse romance que nos dá a ver o “coração das trevas” do ser humano e apela a que nos mantenhamos atentos ao mundo e a nós próprios. Eduardo Lourenço, o filósofo português amigo, leitor e estudioso de Saramago, definiu-nos nestes termos enquanto espécie: um homem pode ser inocente, “mas o homem não é inocente” (135). Dito de outro modo: “O mal é um labirinto habitado por muitos minotauros puramente humanos, inclusive por cada um de nós. Dele não se sai para

¹ “Trabalho financiado por fundos nacionais, através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), no âmbito do Centro de Estudos em Letras, com a referência UIDP/00707/2020, Portugal”.

o paraíso, mas não estamos condenados a reduzir-nos *ad aeternum* a um seu reflexo” (Nogueira 105). Se, individualmente e como sociedade, perscrutarmos o passado e o presente em busca de memórias vivas, e se soubermos construir um futuro com mais diálogo entre pessoas, comunidades e países, estaremos menos propensos, como desejava Camus, a viver num “universo maléfico, inimigo do homem” (Lourenço 135). A literatura e o pensamento de José Saramago, bem como as transposições para outras artes das suas obras, são indispensáveis neste processo de vigilância e de responsabilização ética que nunca estará concluído, porque na vida humana não há leis únicas e eternas.

Lemos Saramago e queremos escrever sobre Saramago. Desejamos transmitir a outros essa experiência de prazer, explicá-la e partir dela para ações no dia a dia, no nosso mundo individual e na nossa ação social, cívica e política. Em José Saramago, como em qualquer *escritor* digno desse nome, a questão fundamental é a da linguagem e a das ideias, o *como* se diz e o *que* se diz. Todos os artigos deste número sobre José Saramago, cada um à sua maneira, se propõe explicar a dinâmica desta relação entre as palavras, a sua combinação e a estrutura dos enredos ficcionais e os eixos de sentido social, cultural, político e religioso (humano, numa palavra). Este é bem o caso de “A sobrevida de José Saramago: pensamento literário e social”, de Carlos Reis. O autor centra-se num conceito hoje central nos Estudos Narrativos, o de “sobrevida”, e investiga questões essenciais na poética de Saramago, em articulação com as posições sociais assumidas pelo escritor durante os últimos trinta anos da sua vida: o romance e suas novas funções, a alegoria como figura retórica, a violência praticada sobre populações fragilizadas, etc. A conclusão de Carlos Reis confirma o desassossego de Saramago e a natureza tão ativa quanto irredutivelmente livre da sua escrita: a matriz de pensamento de José Saramago mantém-se atual e nela podemos ver o futuro (ver e *re-formar*, se soubermos e quisermos).

Em “Modos de paródia na escrita de José Saramago”, também José Cândido de Oliveira Martins entende a escrita romanesca saramaguiana como um lugar raro de representações, significados, linguagem e ação. O ensaísta analisa os romances *Levantado do chão*, *Memorial do Convento* e *O ano da morte de Ricardo Reis* e propõe uma poética da paródia na ficção do autor. “Sobre o poético e o político em José Saramago”, de Burghard Baltrusch, não se ocupa menos da linguagem saramaguiana, mas “poético”, neste estudo, não remete para género literário, lirismo; tem a ver com o que Baltrusch entende ser o “poético ontológico”, conceito afim e correlativo da vertente política da obra de José Saramago. Em “Solidarity, responsibility, and irony as tools for the developing of an ethical sensitivity in Saramago’s work”, Miriam Ringel fixa-se na questões da “solidariedade”, da “responsabilidade” e da “ironia” na obra de Saramago, e procura mostrar em que medida e em que termos daqui decorre a sensibilidade ética saramaguiana. Toda a obra deste escritor Saramago desenvolve, com ironia lúcida, uma ideia: não pode haver liberdade e solidariedade sem dignidade humana e responsabilidade moral.

«[O] mundo está louco desde que nasceu”: inquisição e autos da fé em *Memorial do convento*», de Ana Paula Arnaut, inscreve-se numa linha de investigação, “Literatura e História”, sem a qual não podemos entender a visão do mundo de José Saramago e as suas incursões no passado, no presente e no futuro. Arnaut não

esquece o pessimismo de Saramago, a sua descrença em relação ao ser humano como espécie capaz das maiores crueldades praticadas sobre outros seres humanos; mas também não ignora o dinamismo saramaguiano por um mundo menos desumano. A autora ilustra esta tese com uma investigação de pormenor sobre a violência, o poder sem limites e o horror exercidos pela Inquisição. Em «“One has to be God to countenance so much blood”: violence, tyranny and cruelty in *The Gospel according to Jesus Christ*», José N. Ornelas analisa quer a personagem Deus num dos mais polémicos e memoráveis romances de José Saramago, quer práticas alternativas ao poder de Deus e construtoras de justiça e igualdade para todos. Homem de ideias e de ação, pessimista ativo, José Saramago dá-nos a ver as múltiplas faces do mal: o rosto e o coração das trevas de cada um de nós e da Humanidade. Tanto Ana Paula Arnaut como José N. Ornelas nos mostram como Saramago via no pensamento sobre o mal uma das nossas poucas esperanças de o sustermos e nos voltarmos mais para o bem.

No artigo “Autobiografia e imaginação do escritor-personagem em *As pequenas memórias*, de José Saramago”, José Vieira releva também a importância da palavra neste escritor de memórias do passado e de memórias para o futuro. A escrita é um poder-fazer, diz José Vieira, que implica uma reciprocidade indivisível entre o pensamento, a experiência de vida, a autoanálise, a imaginação e a linguagem literária. “Pessoa & Saramago. Transgressão estética: a heteronímia e o autor-narrador”, de Miguel Real, não assume menos o difícil problema teórico-crítico da relação entre o autor e o narrador, e entre ortonímia e heteronímia; problemas que o ensaísta trata pondo em comparação dois dos escritores cujo vínculo está, antes de mais, em serem ambos portugueses e de dimensão universal: Fernando Pessoa e José Saramago.

Em “A vertigem das listas: a oficina d’*O Evangelho segundo Jesus Cristo*”, Sara Grünhagen olha para um romance de José Saramago, *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, e também no-lo apresenta como uma obra que “Tanto significa como é” (Lewis 179). A autora trata o procedimento narrativo da enumeração, integra-o numa tradição literária e revela a sua disposição crítica em José Saramago, que, neste romance, para me reportar de novo a C. S. Lewis, nos oferece um *Logos* (o que se diz) e um *Poema* (o que se faz, o texto, a obra).

A escrita de José Saramago é um monumento vivo da literatura e da cultura, da memória e da razão, uma obra do nosso tempo e para o futuro. Um futuro que quem lê romances como *Ensaio sobre a cegueira* e *Ensaio sobre a lucidez* deseja livre de guerras e ódios, faltas de diálogo e egoísmos, megalomanias e tiranias.

José Saramago, que “escreveu para compreender”, cuidou, e continuar a cuidar, de todos e de cada um de nós; que saibamos nós também cuidar do seu legado enquanto cidadão ativo e comprometido com a Literatura, a Cultura, a Vida, o Ambiente e os Direitos Humanos.

OBRAS CITADAS

- Lewis, C. S. *A experiência de ler*. Tradução e notas de Carlos Grifo Babo. Porto: Porto Editora, 2003.
- Lourenço, Eduardo. *Heterodoxia I e II*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1987.
- Nogueira, Carlos. “A memória e o mal segundo Eduardo Lourenço”. *Nova Águia – Revista de Cultura para o Século XXI* (“Na Morte de Eduardo Lourenço”), n.º 27, 1.º semestre de 2021, pp. 95-105.
- Río, Pilar del. “O centenário de um contemporâneo”. *JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 1333, 3 novembro 2021, p. 5.